As várias fases da poesia drummondiana

Maria Lucy Monteiro Siqueira *

1. A importância do ritmo na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Retornando à ideologia modernista, lembramos, que no início do século a tomada de posição e o sentimento iconoclasta levaram a transformações que extravasaram longamente seus limites estéticos, e a literatura avançada consciente do que significavam os progressos técnicos e científicos. O impacto da máquina, influenciando o espírito humano, levou os artistas a tomarem posição mais cedo que os demais, sabedores de que isto não representaria apenas um acréscimo à vida cotidiana, mas um fator catalítico de extensão imprevisível.

Comparando Drummond a Machado de Assis pela marca do humor britânico, consideramos que houve repúdio às características bitoladoras do movimento anterior, porém, a intemporalidade dos grandes mestres foi respeitada. A poesia e o artista marcam uma época, situam-se nela, interferem no seu âmago, porém pairam num universalismo individual, imortalizando-se.

Carlos Drummond de Andrade, poeta e prosador contemporâneo, apresenta-nos uma obra literária onde a beleza expressional e a

* Professora de português e literatura do magistério oficial do Estado do Rio e diretora do Colégio Industrial Nilo Peçanha.

comunicação estão presentes; é um poeta atuante; jamais estacionou pois mantém um grau de atualização constante em sua obra.

Iniciando num período em que o modernismo já não era uma revolta, não deixou, porém, de impregnar-se com matizes refletores de inquietação e de insatisfação. Em 1930, procedendo com *Alguma poesia* proporia novos rumos à nova arte poética. Numa fase em que Bandeira exclamava:

> "Estou farto do lirismo comedido
> Do lirismo bem comportado"

unia a poesia drummondiana o romantismo lírico nato de nossa raça mestiça ao despojamento do verso moderno, ao humor britânico, à arte poética sob a forma de um enigma.

Analisando este período inicial — observamos a instabilidade do ideal poético, a sinuosa linha de sentimentos, do provinciano tímido, procurando afirmação — enquadraremos algumas poesias em diferentes aspectos e chegaremos à conclusão que é um todo heterogênio lançando novo estilo mas que não poderia ser definido nem avaliado de um só lance por sua diversificação. O ritmo ascendente e a permanente evolução de quem nasceu poeta e conscientiza-se do sentido superior da arte, conseguindo através de buscas ansiosas um universalismo estético admirável, não permitem limitar fases, mas entrelaçá-las.

Restaurando os vínculos com o povo, sua poesia mesclada de otimismo renovador e pessimismo irônico, deixa-nos perceber uma personalidade criadora.

> "Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
> Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?"

Criando uma obra inconfundível, recriando o mundo, as coisas, os homens através de um prisma oblíquo, de uma auto-afirmação:

> "Quando nasci, um anjo torto
> desses que vivem na sombra
> disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida."

A maestria com que incorpora a fala do povo à linguagem erudita da poesia, esse ficar "torto no seu canto", individualizou sua poesia identificando-a ao nível coloquial da fala brasileira. A personagem *gauche* encontra-se diversificada em egos diversos, disfarces, que terminam dando-nos a visão exata do poeta. O poeta institui-se literariamente com personagem, entidade dramática, projeção de si mesmo. No terreno filosófico, *gauche* seria uma criatura estranha, excêntrica, fora do eixo central. Podemos estudar a personalidade dramática sob quatro perspectivas:

a) Topológica — *gauche* é o que está sempre à esquerda, isolado, conflitado. No primeiro estágio de sua obra, Drummond descreve a personagem *gauche* contemplando a realidade que lhe é adversa.

b) Cromática — idéia de sombra e escuridão. A obra seria um avanço constante do claro, para o escuro, do interior para a metrópole, do homem para o universo.

c) Morfológica — os adjetivos "torto" e "retorcido" mostram a personalidade *gauche*. Na *Moda literária,* Drummond refere-se ao "livro torto" que ele gostaria de escrever, o qual seria a projeção de sua personalidade descompromissada com o tempo.

d) Estática e dinâmica — inicialmente o personagem é estático, por causa da contemplação e visão da realidade, é observador e não ator. Aos poucos vai saindo do *canto* e encontra o *tempo.*

Não escapou porém, Drummond, ao nacionalismo pitoresco de uma fase transitória, sentindo a realidade brasileira através de uma liberdade de expressão:

> "Precisamos descobrir o Brasil!"

O verso livre torna-se maleável e orgânico e o poeta debate-se na preocupação espiritual e social do homem brasileiro. E nesta fase inicial restaura Drummond:

> "Meu Deus, por que me abandonaste
> se sabias que eu não era Deus
> se sabias que eu era fraco."

Lembrando Castro Alves nesta invocação, diríamos que, sob a forma romântica e lírica, já há busca de Deus, o desejo de reali-

zação. Nota-se o fatalismo do destino impregnando o poeta tendente à posição esquerdista da vida, situando o homem na sua essência passível de quedas, partícula cósmica ao sabor das intempéries.

O aspecto religioso em sua poesia plasma-se às inquietudes iniciais do poeta, debatendo-se na angústia da humanidade contemporânea.

Porém, as raízes de uma tradição atávica flutuam em *Ceia em casa de Simão* contradizendo a afirmação "o poeta é um fingidor", e ele neste poema situa-se numa fase de maior estabilidade e amadurecimento.

A estrutura formal lapidada contracena com o tom coloquial e a sutileza da ironia, num jogo de vocabulário poético, apesar do desejo do autor em esconder o incômodo lirismo brasileiro.

Ai, que jantares monótonos
em casa de fariseus
São tudo regras e ritos...
Mas louvado seja Deus

Simão recebia Cristo
medindo cada palavra.
Era uma ceia? Um ardil?
Jesus comia e calava.

A porta abriu-se. Que forma
pertubadora vem lá?
Em casa tão pura, a impura
mulher que a todos se dá!

Se Cafarnaú inteira
lhe censura a vida obscena
de quem partira o convite
a Maria Madalena?

Maria, porém, não veio
sentar-se à mesa. Hesitante,
feito cachorro batido,
erra na sala um instante.

E divisando de Cristo
o magro vulto sentado,
a seus pés se joga, súbito
no pranto mais desatado.

A religiosidade brota pura quando submisso insinua a origem do homem, fruto de uma única semente.

> "E o pranto, molhando as plantas
> de Cristo, não se exauria."

Interessante notar a originalidade estrutural ao situar-se como narrador onisciente, introduzindo o discurso direto no plano mental de um personagem, marionete do autor.

Mas Simão pensa consigo:
"Se o Profeta vive ciente
de que dorme no futuro;
Por que não sabe o presente?

Não percebe, não vislumbra,
sob a face enganadora
de quem o toca, de rastos,
uma extrema pecadora?"

Ressurgindo a tradição, parodiando o tema bíblico, como uma parábola cujo fundo moral é uma advertência aos que passam pelo mundo sem sentir sua essência, sem humanizar-se pelo amor, arma inigualável, que a máquina desconhece e que falta ao robô para adequar-se ao homem.

"Simão escuta. Um homem
tinha dois devedores.
Um devia quinhentos, outro apenas
cinqüenta dinheiros. Enquanto
nenhum dos dois podia resgatar
sua dívida

O credor lhes perdoa, a um e outro.
Responde:
qual dos dois devedores lhe dará
mais amor?"

"Mestre, penso eu, aquele
a quem mais foi perdoado."

"Disseste bem. Pois vês esta mulher?
Eu vim à tua casa e não me deste
um pouco d'água para lavar os pés.
Ela, porém, com seu choro os banhou,
com sua cabeleira os enxugou.
Simão, não me beijaste. Ela, ao contrário
desde o primeiro instante até agora,
cobre-me os pés de beijos repetidos.

Com que perfume ungiste meus cabelos?
Ela derrama bálsamo a meus pés.
E por isso te digo: seus pecados,
pelo seu muito amor, sejam perdoados.

Mas aquele a quem menos se perdoa,
menos amor em troca, esse nos dá.
Estás limpa, Maria, de pecado".

O sistema acomodatício, a mística do inteligível deste poema faz-nos retornar à prosa vieiriana numa associação truncada por séculos divisórios.

Podemos notar que as fases da poética drummondiana sobrepõem-se em camadas mais compactas feitas de um mesmo ebrião: Reminiscência da infância "Meu pai montava a cavalo" (*Alguma poesia*) — "Sou eu nos meus vinte anos de lavoura" (*Fazendeiro do ar*) — "Agora sabes que a fazenda é mais vestuta que a raiz" (*Lição de coisas*).

Em *Infância* o poema toma cunho real ao focalizar as reminiscências do autor, registrando liricamente o ocasional num tom prosaico, bocagiano, encerrando sua poesia de versos livres e vocabulário despojado, com a chave de ouro de um filosofismo irônico e sutil.

Situando as fases poéticas do autor poderíamos verificar:

Subjetivismo lírico mesclando um nacionalismo transpassado pelo humor crítico. Ex. "Papai Noel às avessas".

Observamos a presença do poeta pairando mais alto nesta época, conseguindo individualizar-se das atitudes iconoclastas vigentes.

A dualidade de posição é focalizada quando satiriza o poeta da primeira geração *Política literária* e generaliza o termo "brasileiro" quebrando tradições e raças, naufragando no caos dos idealismos *Também já fui brasileiro*.

Seria *Festa do brejo* poema-piada intencionalmente ridicularizante? Poderíamos dizer que a atitude jornalística mostraria uma faceta do humor satírico e humorístico que se enquadraria na afirmação de Rabelais "rire est le propre de l'homme".

Nota-se que o poeta busca a liberdade expressional através de temática tradicionais. O amor — tema universal — altera-se em planos platônicos e sensuais.

"As coxas das romeiras brincam no vento"
"Eu sou a Moça — Fantasma
...

Eu sou branca e longa e fria
a minha carne é um suspiro."

Nota-se o caso universal de infidelidade em:

"Nossa mãe, o que é aquele prego?
Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou"

Este tema vem da Grécia com Sófocles, Eurípedes e continua em Minas com Drummond.

Com traço unificador da poética do artista situa-se o humor em diferentes nuanças. Poderíamos enquadrá-la no grupo dos satíricos esquizotímicos de Pannenborg à feição de Machado de Assis pela misantropia.

Nota-se que o desprezo ao homem não se situa em seu sentido lato, seria a indagação daquele que procura explicação para a inevitável antítese vida e morte, forças básicas que compõem o ciclo da existência.

Drummond não mergulhou no humor negro à Swift, seu humor é intraduzível e inassimilável, caracterizando-o assim como este mesmo humor que caracteriza um povo: assim o "humor inglês", o "esprit" francês.

Assim como em *Balada do amor através das idades* em que as comuns noções de tempo são desrespeitadas, suas fases poéticas sofrem uma gradação, porém fluem em um tempo subjetivo onde a ironia, o humor e a forma vocabular dão um aspecto da originalidade e atualidade de sua obra.

O poeta inicial descobre no jogo das palavras conotações intensas e inaugura uma fase estilística através do valor semântico de novo vocabulário. Superando as limitações naturais do idioma, consegue associações fonéticas, visuais e psíquicas.

Não se furtou Drummond ao estilo pictórico de um poema figurativo:

M M
A A
M

Porém a ânsia de exprimir além do que podem comportar as estruturas tradicionais da língua portuguesa, faz com que o autor busque como Guillevic a "lição das coisas" num predomínio de elementos concretos da linguagem.

Às vezes, aparentemente, mero jogo de palavras, associações fonéticas, especulações formalistas, o poema atinge a técnica muito comum na construção drummondiana, onde cada elemento do estilo corresponde a uma exigência psíquica numa correspondência entre a expressão verbal e o todo da obra. Assim entre a luta pela expressão e a preocupação em traduzir sua especial sensibilidade do mundo e da vida, realçando o sensorial e emocional, o celebrado humor matiza o material poético.

> "Lá onde não chegou minha ironia,
> entre ídolos de rosto carregado,
> ficaste, explicação de minha vida,
> como os objetos perdidos na rua,"

Inaugurando a nova estética neoconcretista, em *Caso pluvioso,* inspira-se nos princípios do concretismo plástico, ou seja, numa arte que se exprime, como pregou Van Doesburg, por signos concretos e não simbólicos.

1. A importância do ritmo na poesia de Carlos Drummond de Andrade

Já houve quem definisse a poesia como música. O célebre Voltaire dizia: "La poésie est la musique de grandes âmes."

A poesia, vista sob este prisma, seria produto de elementos essenciais, tais como: som — despertado pelas palavras; ritmo — seqüência de sons fracos e fortes; harmonia — combinação de sons; melodia — sucessão de sons que diferem entre si.

"Ritmo é a harmonia do belo. O homem procura o belo na beleza que ele mesmo cria". (Cardoso, E. Álvares. *Int. à literatura*). A poesia drummondiana é rítmica e não musical; este ritmo poderá ser estudado, não à luz da música, mas com auxílio das células métricas, levando em consideração o ritmo livre, interior, psicológico.

"Poesia é a arte verbal de comunicar experiências inefáveis" (Henriqueta Lisboa). Drummond comunica-nos experiências numa poesia diferente; diferente por ser objetiva, precisa e, ao mesmo tempo, mesclada de emoção. A sua temática caminha na direção da inquietação filosófica.

Comprovando que poesia é mais emoção do que intelecto, notamos no tímido Drummond a sensibilidade contrabalançando a inteligência. Por esta razão, podemos considerar uma poesia sem música, mas não sem ritmo. Este ritmo compensa e assegura-lhe uma qualidade própria.

Como no poeta predomina o verso livre, o ritmo característico é o "interior" deixando ao leitor a tarefa subjetiva de descobrir a "atmosfera" que o poeta tentou emprestar ao seu poema. A atmosfera do pós-guerra e a ânsia do homem em busca de solução para problemas constituem a tela de suas poesias que se desenvolvem num ritmo de explosões sucessivas. Para conseguir este ritmo, o poeta faz uso de recursos já conhecidos, mas que em sua obra tornam-se originais. Assim, encontramos: a repetição, o *rejet*, a enumeração caótica, o verso livre, o emagrecimento de versos, o encadeamento (*enjambement*).

a) A repetição. Nada é gratuito em Drummond. A repetição não assume apenas a função de enfatizar, mas sobretudo de ritmar a poesia. É um recurso usado com variedade, sem preferência por elemento sintático ou categoria gramatical. Encontramos em suas páginas poéticas:

Repetição anafórica num ritmo marcadamente binário. Ex.:

"*Que quer* o anjo? chamá-la.
Que quer a alma? perder-se.
Que quer a voz? encantá-lo" (*O arco*)

Repetição interessante constituindo uma anadiplose:

"O corpo na pedra
a pedra na vida
a vida na forma"

É interessante também notar em Drummond, a maneira de distribuir as estrofes em certos poemas, como por exemplo *O boi*. Um verso repete-se no início de cada estrofe atuando como refrão. Lembra-nos as canções líricas portuguesas. A estes versos que se repetem inteiramente chamamos ritornelo.

O poema *José*, com suas repetições, constitui o fulcro do ritmo drummondiano. Construído em tríades, predomina os versos pentassílabos em ritmo teimosamente binário e rápido, com o seguinte esquema: combinação jâmbica e anapéstica. Os versos são curtos, rápidos na tentativa de expressarem a angústia humana em face da confusão do tempo. Em todo o poema o ritmo é de explosão. Observa-se a repetição constituindo um desenho rítmico.

b) Emagrecimento dos versos. Em Drummond encontramos, em grande quantidade, versos completamente descoloridos, sem nenhuma artificialidade, sem recursos poéticos.

"Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo"

c) Verso livre (versolibrismo). Nos versos drummondianos, de um modo geral, não há número regular de sílabas, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico. Isto nos leva a crer que ele fez uso do verso livre, principalmente na fase inicial

da sua poesia. Observamos que o verso livre exige tanto do poeta quanto o verso regular, pois ele tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora.

Apesar da predominância do verso livre, notamos em *Claro enigma, Fazendeiro de ar* e *A vida passada a limpo* a preocupação com a métrica e a forma. As rimas já surgem, até mesmo sonetos presos aos moldes parnasianos. Até o verso monorrino, recurso mais usado nos trovadores medievais, é empregado por Drummond.

d) Encadeamento. O tom prosaico constante, nos poemas do autor, deve-se ao encadeamento que predomina em sua obra. Graças ao ritmo, sua poesia não caiu no prosaísmo e nesta resistência a este defeito reside toda sua força criativa.

Interessante é observar que os "*enjambements* drummondianos", num ritmo acelerado, tentam expressar a rapidez e o desenrolar dos acontecimentos cotidianos.

e) *Rejet*. Recurso pelo qual se consegue dar maior expressividade a determinadas palavras ou a certo grupo sintático reduzido, sem razões rígidas de ordem gramatical ou de metrificação. O *rejet* drummondiano não se acha rigidamente fixo a uma classe gramatical como acontece com Mallarmé que usava o *rejet* valorizando o adjetivo. O poeta põe em destaque rítmico ora o adjetivo, ora o elemento circunstancial, ora a conjunção como no exemplo:

> "O poeta está bêbado, *mas*
> escuta um apelo na aurora: ..."

f) Enumeração caótica. Tem a finalidade de levar-nos a um verdadeiro caos, onde as idéias se perdem.

Numa técnica de palavra puxa palavra, Drummond apresenta-nos uma enumeração em monóstico quase concretizando a idéia:

> Tijolo
> Areia
> andaime
> água
> tijolo
> — a torre

A obra de Drummond está marcada pela medida de poeta maior que ele é e, de tal forma que, em *Explicação,* encontramos uma prova desta medida, em termos de comunicação, riqueza de linguagem e beleza — um traço apenas em sua obra, mas traço definidor e denso, pleno de significação e de sentido para o personagem, ele mesmo, que é introduzido nas mais altas esferas de nossa poesia:

> "Meu verso é minha consolação.
> ...
> Se o meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
> Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?"

O Instituto de Organização Racional do Trabalho da Guanabara — IDORT-GB — como seus congêneres de outros Estados, propõe-se a realizar e proporcionar a seus associados e demais interessados:

Intercâmbio internacional
Forum de estudos
Treinamento
Assistência técnica
Revista
Biblioteca
Prêmio de organização e administração
Congressos

Sede: Praia de Botafogo 186, Rio de Janeiro, GB.